

Sumário

Prefácio... Poema Roteiro Guarani,	11
Apresentação,	13
Os eixos transversais da pesquisa,	17
O que já foi dito sobre a infância guarani escolarizada,	27
O que dizer sobre o que já foi dito acerca da escolarização dos Guarani Mbyá,	65
Conclusões em movimento,	85
Posfácio,	97
Referências,	101
Cenas das filmagens de <i>Kyringue Mbyá Reko</i> ,	111

Prefácio...

Poema Roteiro Guarani

Às crianças Mbyá que também buscam um roteiro. . .

*Argumento em grupo,
roteiro em discussão,
filme por fazer.
Será sobre crianças.*

Já sabem de sua infância?

*Pedem ajuda aos velhos
que são os verdadeiros donos
da memória da infância da tribo
e querem explicação.*

*Não sabem bem como falar
disso assim num filme.
Precisam do passado
pra justificar esse presente
que anuncia o futuro
projetado nesse roteiro.*

*Como dirigi-los,
se querem ir ao passado e ao presente?
Se querem o velho e o novo,*

*querem o aqui e o acolá?
Assim, não há câmara que os possa acompanhar...*

*Não importa se a infância é do mais velho
ou se foi a nossa
ou se é a das crianças de hoje.*

*O filme é da infância Guarani Mbyá,
temporalidade outra,
alma-palavra.*

*Infância atravessada pela escola.
Criança transpassada pela luz,
luz para todos,
luz na aldeia,
aldeia conectada.*

*Que cenas vão ensaiar os Guarani com suas crianças?
Que querem com suas cenas?
Querem nos dizer que sua infância está salva,
ou dizem que ela está em perigo?*

*Ou querem apenas rir,
como suas crianças?*

*Argumento fácil.
Roteiro dúbio.
Plano débil.
Filme inútil.*

Nobre, 2011

Apresentação

Este livro objetiva apresentar os resultados de uma pesquisa realizada em nível de pós-doutorado entre 2010 e 2012,¹ iniciada na FFP/UERJ – Faculdade de Formação de Professores, em São Gonçalo, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mas transferida para o IEAR/UFF – Instituto de Educação de Angra dos Reis, da Universidade Federal Fluminense, onde integrou o programa de extensão “Magistério indígena e escolarização Guarani Mbyá no estado do Rio de Janeiro”, aprovado pelo Edital nº 04, PROEXT-MEC SESu – 2012. Integram a pesquisa, ainda, dois filmes documentários: *Kyringue Mbyá Reko* (O modo Guarani Mbyá de ser criança, 2011), fruto do II Curso de Extensão de Produção de Vídeo Documentário para Adolescentes e Jovens Guarani, também promovido no âmbito desta pesquisa, e *Entre a casa de reza e a escola* (2012), editado para esta pesquisa a partir de entrevistas com professores Guarani Mbyá de diversos estados, na I Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena, Regional Sul-Sudeste, além do livro *Todo índio na escola! Parte I: Infâncias indígenas e escolarização no Brasil (1999-2009)*, publicado em 2016 pela Curt Nimuenadaju.²

O objetivo geral da pesquisa foi estudar os impactos da escolarização e da chegada da luz nas aldeias, entre as crianças guarani mbyá, e refletir, na formação de professores, sobre a construção de currículos diferenciados que levem em conta essas transformações.

No processo de escolarização pelo qual vêm passando as comunidades guarani mbyá do estado do Rio de Janeiro, um aspecto de fundamental importância é o fato de que a concepção de infância guarani mbyá vem-se transformando, influenciada pela chegada da escola e da luz às aldeias; assim como a escola implantada nas aldeias vem sendo *guaranizada*, num processo histórico de apropriação de natureza intercultural, complexo e contraditório. Tal fato traz implicações teórico-metodológicas aos programas de formação de professores indígenas.

¹ Pesquisa realizada com financiamento da Faperj e sob a supervisão de Wilmar D'Angelis, do IEL – Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp – Universidade Estadual de Campinas.

² Segue-se aqui, em parte, a norma culta da Convenção para a Grafia dos Nomes Tribais, estabelecida pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA), em 14 de novembro de 1953. Ela indica o uso de maiúsculas para os nomes tribais – mesmo quando a palavra tem função de adjetivo – e o não uso do plural. Como a primeira norma é uma influência da língua inglesa, adaptou-se da seguinte maneira: quando a denominação de uma etnia é um adjetivo, é escrita com minúscula (“língua guarani”); quando é substantivo gentílico, com maiúscula (“os Guarani”). A segunda norma – referente à inflexão no plural – deve-se à intenção de evitar o hibridismo do acréscimo do “s”, pois são palavras em línguas indígenas (que podem já estar no plural, ou que não existiam no plural naquela língua).

Qualquer política pública de educação escolar indígena, em última instância, se materializará em um determinado currículo, voltado para um determinado tipo de aluno, para uma criança determinada (NOBRE, 2005). Daí vem a necessidade de um estudo de caso etnográfico para pesquisar o universo cultural infantil indígena em construção, juntamente com os possíveis impactos da chegada da escola e da luz na aldeia Sapukai, em Angra dos Reis, objeto principal desta pesquisa.

A noção de *infância* entre os Guarani é um construto sociocultural e histórico que integra a cosmovisão típica deste povo. Comum a todos os povos, isto – por mais óbvio que possa parecer – é fundamental na análise da cultura indígena e dos currículos em construção nas escolas nas aldeias. Sabemos que a concepção de mundo guarani aponta para um tipo de olhar sobre a educação (“educação indígena guarani”) e sobre a escola (“educação escolar indígena”), assim como essa escola transforma a concepção de infância historicamente construída pelos Guarani.

A recente produção de Silva, Macedo e Nunes (2002) e Cohn (2000a, 2000b, 2005), sobre a “Infância Indígena”, indica que as informações sobre o universo dessas crianças são raras na bibliografia antropológica brasileira, e que, portanto, é difícil o acesso às referências etnográficas e teóricas disponíveis. Diminuir esta lacuna, aprofundando os conhecimentos em torno do conceito de infância, numa perspectiva de estudos interculturais, foi mais uma proposição desta pesquisa.

Assim, os estudos sobre cultura indígena guarani apontam para diferentes processos de contato interétnico entre os Guarani Mbyá e a sociedade não indígena.

Os trabalhos etnográficos clássicos de Nimuendaju (1975), Schaden (1979), Cadogan (1992) e Clastres (1979) já apontavam para as consequências do contato dos grupos Guarani do Sul do Brasil com os não índios: seus movimentos migratórios em busca da “Terra Sem Males”, reocupando o litoral sul e sudeste; a descrição detalhada de sua cultura, mitos e lendas e da sua religião, e a transcrição de alguns textos sagrados.

Historiadores clássicos, como Métraux (1928, p. XXXV),³ também reconstituíram boa parte das crenças, mitos e ritos dos povos tupi do período da invasão, baseados nos relatos de viajantes como o frei francês Thevet, o português Cardim, os missionários d’Evreux e D’Abbeville. Admitiram, no entanto, que em relação à religião dos Guarani só se conheciam fragmentos insuficientes para uma síntese, diferentemente do que ocorreria com os Tupinambá (Fernandes, em 2006, concluiu o trabalho iniciado por Métraux). Este autor indicou que crenças, mitos e certos ritos comuns entre eles demonstram um “ar de parentesco que prova a unidade cultural dessas tribos (Tupinambá, Guarani, Chiriguano, Tembé e outros) em seus antigos tempos”, exemplificada pela *saudação lacrimosa* e, sobretudo, pela *antropofagia ritual*, além de inúmeros elementos comuns em suas mitologias.

³ Data da publicação original de *La religion des Toupinamba et ses rapports avec celle des autres tribus Tupi-guarani*. Paris: Librairie Ernest-Leroux, 1928. Nas Referências, me refiro a edição brasileira de 1979.

Recentemente, Brandão (1990) e Fausto (2005) aprofundaram o estudo sobre aspectos da religião guarani nos quais se vislumbram elementos do cristianismo, mas ressignificados, nos processos de constituição histórica do que é hoje a religião guarani mbyá. Para os Guarani Kaiowá, os estudos de Brand e Vietta (2004, 2001), Vietta (1992, 1999, 2001) e Brand (1993, 1997) apontam os resultados do impacto da desterritorialização e a consequente perda do modo de produção econômica tradicional na forma de vida dos povos que habitam hoje o estado do Mato Grosso do Sul.

Filmes documentários contemporâneos, produzidos por pesquisadores, alguns com a efetiva participação das comunidades guarani, discutem de forma dinâmica e contextualizada os conflitos socioculturais por que passam, hoje, as aldeias guarani mbyá, desde a Argentina até o Espírito Santo. Entre elas, podemos destacar: Corona (2004), que apresenta uma cerimônia religiosa de batismo na casa de reza de uma aldeia do Paraná; Cesconetto (2004), que mostra as estratégias de sobrevivência nas aldeias de Santa Catarina; Nogueira (2007), que retrata o cotidiano de luta de uma aldeia, em Pozo Azul, na Província de Misiones, Argentina; Ortega, Morinico e Benites (2008), que descrevem o dia a dia de sobrevivência de duas aldeias no Rio Grande do Sul, e Nobre (2009b, 2011) que, junto com jovens guarani mbyá, retrata o modo de vida e as formas de sobrevivência numa aldeia do Rio de Janeiro.

Em relação à escolarização nas aldeias indígenas guarani mbyá, Bergamaschi (2004, 2005, 2008), Ferreira (2002), Gobbi (2007), Limulja (2007), Melo (2008), Rossato (2002), Nascimento, Brand e Agulera (2006), Testa (2007) e Nobre (2007, 2009) apontam um complexo processo de interação entre concepções, meios e formas de ensino/aprendizagem (Cohn, 2005), assim como diferenciados processos históricos de contato com a escola e suas variadas apropriações.

Os documentários *Uma aula Guarani Eté* (2008), *Mitã'i: infância Guarani Mbyá* (2009) e *Tape Nhemoxakã Porã Ve'a* (2009), o livro *Uma pedagogia indígena Guarani na escola, pra quê?* (NOBRE, 2009)⁴ e dois filmes mais recentes, *Kyringue Mbya Reko* (2011) e *Entre a casa de reza e a escola* (2012), produzidos no âmbito desta pesquisa, no IEAR/UFF, demonstram a tensão permanente que existe entre as pressões ocidentalizantes do aparelho de Estado e a guaranização das práticas pedagógicas por parte dos professores indígenas, ao longo do processo de escolarização, como também refletem sobre os impactos que a luz trouxe para o cotidiano das crianças e jovens guarani mbyá contemporâneos. *Entre a casa de reza e a escola*, em especial, reúne depoimentos de diversos professores guarani mbyá do Brasil, colhidos ao longo da I Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena, etapa Regional Sul-Sudeste. Em suas falas, expressam seus conflitos, dúvidas e desafios em relação à opção pela escola.

Quanto à escolarização, em dois trabalhos anteriores (NOBRE, 2007, 2009), defendi que há uma apropriação criativa, pelos professores guarani, de elementos da educação tradicional

⁴ Produzidos no âmbito do projeto de pesquisa "Formação de professores indígenas Guarani, construção curricular e práticas de ensino" e do projeto de extensão "Cultura guarani e processos educativos", ambos na FFP/UERJ.

guarani, que são incorporados à escola. Paralelamente, observa-se tanto a subversão como a reprodução de normas e preceitos típicos da educação escolar não indígena, o que acaba por produzir uma certa irregularidade na prática escolar indígena.

Logo, na elaboração do currículo na escola guarani observam-se três processos básicos: a reprodução, a apropriação e a resignificação ou *guaranização* (NOBRE, 2009b). Dito de outra forma: há uma reprodução de elementos não indígenas, praticamente copiados; uma apropriação de elementos indígenas tradicionais, que são levados para a escola, na tentativa de preservar a cultura tradicional e resistir; e uma resignificação de elementos não indígenas, que são adaptados à perspectiva indígena, num processo de *guaranização*, que, às vezes, envolve o descumprimento ou subversão de regras.

Entretanto, tal processo não é linear e homogêneo, mas contraditório e multifacetado, o que reflete a própria relação do Guarani com a cultura não indígena. Esta relação contraditória os faz adiar a opção pela escola (adiamento típico dos Guarani Mbyá do litoral sul),⁵ resistir à ocidentalização completa da escola ou construí-la de forma irregular e ambígua, *guaranizando-a* (NOBRE, 2009b).

Elementos tradicionais da cultura guarani mbyá vêm sendo relativamente preservados na aldeia Sapukai, especialmente pela prática cotidiana de sua língua e manutenção de sua religião. Entretanto, há um *complexo resistente-subordinado* (NOBRE, 2005) permeando as ações de seus habitantes que regula seu comportamento e seu *Nhandereko* (modo de ser Guarani). A resistência e a subordinação se alternam contraditoriamente nas práticas socioculturais dos Mbyá. Essa cosmovisão se projeta nos processos educativos tradicionais e nos enfrentamentos que o contato interétnico contemporâneo (mas com 500 anos já!) traz, que foram objeto de trabalho deste projeto. Nossa proposta era problematizar com a comunidade os processos de transformação na cultura guarani mbyá, presentes no cotidiano da aldeia Sapukai, que afetam sobremaneira a infância e com os quais o currículo da escola mantém permanente interação e nos quais também se inserem os processos de formação de professores indígenas guarani mbyá.

Daí os três eixos transversais que permearam a pesquisa, dando subtítulo ao trabalho – *Infância, cultura e linguagem no currículo da formação de professores* –, pois o estudo dos impactos da luz e da escola sobre a *infância* se fez numa perspectiva *sociocultural* que privilegia o interculturalismo crítico e utiliza, entre diferentes metodologias de base etnográfica, diversas *linguagens* como o vídeo, a fotografia e o texto.

⁵ No contexto recente dos Mbyá Guarani no Brasil, é que se pode dizer que a opção pela escola é uma atitude típica daquele segmento mbyá do litoral sul brasileiro, em oposição à atitude de outras comunidades, incluindo a aldeia Sapukai, que analisei nos trabalhos mencionados. Vale lembrar que há 30 anos a recusa da escola era a atitude típica de algumas comunidades mbyá, em oposição a outros Guarani, como os Nhandeva ou os Kaiowá.